

A CIDADE DE CURITIBA NO DISCURSO DE VIAJANTES E CRONISTAS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX¹

MARCO AURÉLIO MONTEIRO PEREIRA²

RESUMO

O artigo pretende a análise, a partir dos conceitos de governamentalidade em Foucault e de mito em Roland Barthes, do corpo de discursos ufanistas elaborados sobre a cidade de Curitiba no século XIX e início do século XX por viajantes e cronistas. Estes discursos são analisados como elementos constituintes da urbe ordeira, disciplinada e laboriosa, palco por excelência das relações de mercado capitalista, cenário onde se desenrola a ação contínua e permanente da cidade no rumo do progresso e do desenvolvimento.

Palavras-chave: Discurso, normatização, mito, cidade.

Não é minha cidade, é um sistema que invento, me transforma e que acrescento à minha idade.

Torquato Neto³

¹ Este trabalho é uma adaptação da primeira parte, “Curitiba: a bela e a fera”, primeiro capítulo, “Curitiba: a bela”, da dissertação de Mestrado do autor, **Casar em Curitiba : nupcialidade e normatização populacional (1890-1921)**.

² O autor é Professor Assistente IV do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa e doutorando em História Demográfica na Universidade Federal do Paraná.

³ Excerto de NETO, Torquato. Andarandei, In: **Os últimos dias de paupéria**. 2 ed. São Paulo : Max Limonad, 1982.

Este artigo pretende a análise da cidade enquanto texto e objeto de discursos e, especificamente, dos discursos da classe dominante, que têm expressão privilegiada nos cronistas da elite curitibana do século XIX e inícios do século XX e nos porta-vozes da "história oficial" do período.

A cidade é construída pelo discurso oficial como um corpo multifacetado e plural. Sobre ela se exercem práticas discursivas diversas, embora marcadas por uma conotação comum: a necessidade de regulamentar, normatizar e ordenar o espaço urbano e seus habitantes⁴. Assim se elabora o discurso dos viajantes, cronistas e historiadores, o qual elabora a construção de uma cidade harmônica, bela e em franco progresso, habitada por cidadãos trabalhadores e ordeiros. Um espaço urbano ideal, sem conflitos de qualquer natureza. É um discurso de ampla divulgação e de repertório ufanista.

Assim, pretende-se reconstituir a cidade de Curitiba, no século XIX e inícios do século XX como texto e objeto de discursos, discursos oficiais em seu sentido mais amplo. Por "oficiais" aqui se compreendem as elaborações de fontes governamentais propriamente ditas e também outros discursos, identificados com as classes dominantes, embora fora do âmbito estatal. São textos de viajantes historiadores, cronistas, escritores e outros, que partindo da ótica das elites de Curitiba, constroem e textualizam a cidade à sua imagem e semelhança.

As principais referências estão nos textos de ROCHA POMBO, Nestor VICTOR e Romário MARTINS, respectivamente de 1900, 1912 e 1922⁵, com ênfase para a obra de Nestor VICTOR. Há referências de fontes impressas do período e de trabalhos mais recentes, notadamente na questão de indicadores estatísticos.

O discurso da imprensa não é aqui privilegiado. Isto se explica pelo próprio caráter de reelaboração no discurso dos jornais da época. Havia a nítida divisão de posturas políticas e, conseqüentemente, de discursos sobre a cidade nos jornais curitibanos do período.

⁴ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**, e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro : Graal, 1986. 363 p. Notadamente o capítulo 3.

⁵ ROCHA POMBO, José Francisco da. **O Paraná no centenário** (1500 - 1900). 2 ed. Rio de Janeiro : José Olympio; Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980. VICTOR, Nestor. **A terra do futuro** (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro : Tipografia do "Jornal do Commercio", de Rodrigues & C., 1913. MARTINS, Romário. **Curityba de outr'ora e de hoje**. Curitiba : Edição comemorativa da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1922.

As descrições da cidade nos textos acima referidos definem a imagem, clara e explícita, da urbe formulada e construída pelo "discurso oficial", não apenas enquanto ambiente físico, mas, privilegiadamente, como o espaço das relações entre os cidadãos e as práticas governamentalizadoras do Estado⁶. A aparente visão pacífica da cidade e seus habitantes não exclui seus problemas intrínsecos, porém os localiza em outros discursos, diferenciados e restritos. A apropriação deste segundo grupo de formações discursivas é sempre positiva. Esta síntese positiva dos dois grupos de discursos oficiais sobre a cidade é mostrada de maneira clara nos textos de Nestor VICTOR, *A velha Coritiba* e *A nova Coritiba*⁷, em seus diversos enfoques.

Escudados no caráter e na autoridade oficial de suas fontes, estes discursos constroem uma mitologia da cidade e suas relações, no enfoque dado ao termo "mitologia" por Roland BARTHES⁸.

O mito possui um caráter imperativo, interpelatório: tendo surgido de um conceito histórico, vindo diretamente da contingência, é a mim que ele se dirige: está voltado para mim, impõe-me a sua força intencional; obriga-me a acolher a sua ambigüidade expansiva.⁹

A cidade é furtada, congelada e restituída, reelaborada e reconstruída, àqueles que a vivem.

À superfície da linguagem, algo se imobiliza: o uso da significação está escondido sob o fato, dando-lhe um ar notificador; mas, simultaneamente, o fato paralisa a intenção, impõe-lhe como que uma infortável imobilidade: para a inocentar, gela-a. É que o mito é uma fala roubada e restituída, simplesmente a fala que se restitui não é a mesma que foi roubada: trazida de volta, não foi colocada em seu lugar exato. É esse

⁶ FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. in: _____. **Microfísica do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro : Graal, 1984. p. 277-293.

BRESCIANI, Maria Stella MARTINS. **Liberalismo: ideologia e controle social** (Um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910). São Paulo, 1976, 432 p. Tese, Doutorado, Universidade de São Paulo. p. 4.

⁷ VICTOR, Nestor. **A terra do futuro** (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro : Tipografia do "Jornal do Commercio", de Rodrigues & C., 1913. p. 97-251.

⁸ BARTHES, Roland. O mito, hoje. in: **Mitologias**. São Paulo : DIFEL, 6 ed. 1985. p 131-178.

⁹ *Id.*, p. 145.

breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transido da fala mítica.¹⁰

É esta cidade "roubada e restituída", reelaborada, que surge como a urbe mítica nos discursos da elite curitibana. Discursos objetivos, com pretensões a absolutos, para serem consumidos como verdades e não como reelaborações.¹¹

No período estudado, o discurso que as elites curitibanas elaboravam sobre a cidade, através de seus cronistas, escritores e historiadores, era marcado por forte ênfase num enfoque "progressista", típico de uma cidade em processo de urbanização. Criava-se uma urbe sem problemas, sem mazelas, habitada por um povo ordeiro, saudável e trabalhador, que a construía para seu grande destino de metrópole dos paranaenses. Todos os componentes desta formação discursiva apontavam, inequivocamente, para a noção de progresso, em seus diversos aspectos: arquitetônico, urbanístico, comércio-industrial, educacional, político, etc.

A Curitiba do final do século XIX e início do século XX já era uma cidade em final de transição urbana. Esta transição se inicia e é indicada já antes do período estudado, nos textos dos viajantes europeus que visitaram a cidade, como SAINT-HILAIRE, AVÉ-LALLEMENT e THOMAS BIGG-WITHER¹², notadamente o último. Já não é mais a pequena vila apresentada por Auguste de SAINT-HILAIRE em sua descrição de 1820:

A cidade tem uma forma quase circular e se compõe de duzentas e vinte casas (1820), pequenas e cobertas de telhas, quase todas de um só pavimento, sendo, porém, um grande número delas feitas de pedra(...) As ruas são largas e bastante regulares, algumas totalmente pavimentadas, outras calçadas apenas diante das casas. A praça pública é quadrada, muito ampla e coberta com um relvado. As igrejas são em número de

¹⁰ *Ibid.*, p. 146-147.

¹¹ *Ibid.*, p. 152: "todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema factual, quando é apenas um sistema semiológico."

¹² SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. AVÉ-LALLEMENT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo** (1858). Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. BIGG-WITHER, THOMAS P. **Novo caminho no Brasil Meridional : a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872-1875**. Rio de Janeiro : José Olympio; Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1974.

três, todas feitas de pedras.(...) Em Curitiba e em seus arredores é muito pequeno o número de pessoas abastadas. Eu vi o interior das principais casas da cidade, e posso afirmar que nas outras cabeças de comarcas ou mesmo de termos não havia nenhuma casa pertencente às pessoas importantes do lugar que fossem tão modestas assim. As paredes eram simplesmente caiadas e o mobiliário das pequenas salas onde eram recebidas as visitas se compunha apenas de uma mesa e alguns bancos.¹³

Nesta época, segundo dados do próprio SAINT-HILAIRE para 1818, Curitiba possuía cerca de 11.014 habitantes, entre brancos e escravos¹⁴.

Mais tarde, em 1858, chega em Curitiba o viajante alemão Robert AVÉ-LALLEMANT¹⁵, vindo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Embora seja o mais eurocêntrico e preconceituoso dos viajantes que deixaram relatos sobre Curitiba, e por isso mesmo, seu relato sobre a cidade e sua população é digno de nota.

AVÉ-LALLEMANT distinguiu o início da efetiva urbanização de Curitiba, desde sua elevação a capital de província:

...chegara eu à cidade capital de Curitiba. Por isso talvez é que me surpreendeu muito agradavelmente a cidade de uns 5.000 habitantes. Naturalmente nela nada se encontra de grande ou grandioso. Em tudo, nas ruas e casas e mesmo nos homens se reconhece uma dupla natureza . Uma é a da velha Curitiba, quando ainda não era a capital de uma Província, mas um modesto lugar central, a quinta comarca de São Paulo. Aí se vêem ruas não calçadas, casas de madeira e toda a espécie de desmazelo, cantos sujos e praças desordenadas, ao lado das quais há muita coisa em ruínas e não se pode deixar de reconhecer evidente decadência e atraso. Na segunda natureza, ao contrário, expressa-se decisiva regeneração, embora não apareça nenhum grandioso estilo Renascença.

Desde a chegada do Presidente e do pessoal administrativo, Curitiba tem o seu palácio. Naturalmente é um simples rés-do-chão e tem aparência despreziosa, modesta, mas é bonito e asseado.

Para a força militar foi construído um quartel general que é visto de longe e produz um belo efeito. Como prova de que em tempo de paz essa força não abandona os negócios de Marte, edificou-se uma cadeia.

(...)

¹³ SAINT-HILAIRE, p. 71.

¹⁴ *Id.*, p. 76.

¹⁵ AVÉ-LALLEMANT, p. 271-299.

Além disso, foram construídos a Câmara de Deputados provincial, o Tesouro e muitas coisas; em resumo, Curitiba, a velha vila enfezada, marcha com energia para um novo desenvolvimento.¹⁶

A urbanização se delinea de forma clara no texto acima, traduzida nas "duas naturezas" da cidade, e prenuncia-se uma visão marcada pela ênfase na perspectiva do progresso, do desenvolvimento e da civilização da capital do Paraná.

Thomas Plantagenet BIGG-WITHER, engenheiro inglês chegado a Curitiba em 1872, reforça a tese do progresso da cidade enunciada por AVÉ-LALLEMANT através da comparação explícita de suas duas visitas a Curitiba:

No ano de 1872, em que escrevo, a cidade de Curitiba podia ter 9.500 habitantes, dos quais 1.500 eram imigrantes, especialmente alemães e franceses. Ela, portanto, não ocupava grande extensão. As ruas seguiam as mesmas disposições peculiares às das cidades estrangeiras. No centro havia grande praça, com 200 jardas talvez de um lado, achando-se a igreja em um dos cantos. Mesmo para esta cidade (capital de uma província cuja extensão é maior que a da Inglaterra inteira), a arquitetura desse edifício é muito fraca. Somente em tamanho ele era superior aos prédios da vizinhança.

O presidente da província também morava ali. Sua casa, chamada, por cortesia, de palácio, tinha três pavimentos, cômodos, mas de aparência simples. Estava localizada na rua principal e cercada de lojas, dirigidas aparentemente por homens resolutos, que não se limitavam a uma ou mesmo duas espécies de mercadorias, adotando um sistema de negociar inteiramente cosmopolita, para atender da mesma maneira gentil o freguês que viesse comprar um rolo de fumo, como o que quisesse uma jarda de morim. Todas as lojas maiores pareciam ser de propriedade de brasileiros ou portugueses, enquanto a grande maioria das lojas menores estava em mãos de alemães.¹⁷

Após viajar pelo interior do estado a trabalho, BIGG-WITHER retorna a Curitiba um ano depois, registrando a seguinte impressão da cidade:

¹⁶ *Id.*, p. 273-274.

¹⁷ BIGG-WITHER, p.49.

Também citado em: DE BONI, Maria Ignês Mancini. **O espetáculo visto do alto; vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo, 1985. 281 p. Tese, Doutorado, Universidade de São Paulo. p. 10-11.

Curitiba tinha saído inteiramente de minha lembrança nesse intervalo de quatorze meses. À direita e à esquerda da nova estrada que levava a Palmeira havia longas carreiras de casas, no mesmo lugar onde antes eu vira campo aberto. À direita, em construção, vi um gigantesco edifício, no mais moderno estilo de um hotel de Londres do que qualquer dos que vira no Rio e, em todos os lados, havia sinais inequívocos de progresso.¹⁸

Esta visão das impressões dos viajantes serve de prólogo e introduz a temática favorita dos cronistas e historiadores oficiais sobre a Curitiba da virada do século: progresso, desenvolvimento e civilização.¹⁹

A pequena vila transformada em capital de província em 1854 passa, a partir daí, e com maior intensidade a partir de 1870, por um acentuado processo de urbanização e crescimento populacional²⁰.

Neste momento, a "velha vila enfezada" já é uma cidade de porte médio, com as complexidades peculiares a este tipo de urbe. A cidade cresce, em área e população, de maneira quase vertiginosa. Romário MARTINS aponta uma população de 11.730 habitantes para Curitiba em 1872, no Primeiro Recenseamento do Império; 24.553 habitantes em 1890, no Primeiro Recenseamento da República; 50.124, em 1900, no Segundo Recenseamento da República; e, em 1920, no Terceiro Recenseamento da República, Curitiba possuía uma população de 78.986 habitantes, sendo 67.374 brasileiros e 11.612 estrangeiros²¹. Da análise destes dados pode-se deduzir claramente um grande incremento populacional para Curitiba, tendo seu ápice na década de 1890-1900, e passando por uma relativa estabilização no período seguinte.

Outro aspecto a ser considerado é a dinâmica própria do crescimento populacional curitibano, como pode ser visto na comparação entre as taxas de crescimento anual de Curitiba e do Paraná. As taxas totais de Curitiba para o período, 3,89%, e as do Paraná, 3,58%, são próximas, mas sua dinâmica é diferente. O crescimento populacional paranaense tem seu ápice, no período estudado, entre 1900 e 1910, com uma taxa de 5,75%.

¹⁸ BIGG-WITHER, p. 323.

¹⁹ Sobre a visão dos viajantes europeus a respeito do Paraná é de fundamental importância ver também: PAZ, Francisco Moraes. História e cotidiano: A sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes. **História: Questões e Debates**, 8(14/15): 3-44 jul. - dez. 1987.

²⁰ DE BONI, p. 10-11.

²¹ MARTINS Romário. **Quantos somos e quem somos**; dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba : Empresa Gráfica Paranaense, 1941.p. 94-98.

Já a dinâmica de crescimento populacional de Curitiba tem, para 1900-1910, sua taxa mais baixa de todo o período, com apenas 1,95%. O maior incremento populacional em Curitiba se dá no período de 1890-1900, com uma taxa de crescimento médio anual de população de 7,40%, a maior encontrada, tanto para Curitiba como para o Paraná. A análise das taxas médias de crescimento anual indicam uma tendência de maior crescimento para Curitiba em relação ao Paraná.

A virada do século encontra uma Curitiba já com modos de cidade grande, "mais solemne", no dizer de Nestor VICTOR:

- Olha como a cidade está mais solemne Emiliano Pernetta dizia-me, na noite da chegada, da primeira vez, indicando os prédios de um lado e de outro, enquanto o carro atravessava, primeiro a rua da Liberdade, depois a Quinze de Novembro. (...)

Effectivamente, desde a estação, embora assim de soslaio, - como que por fantasia de caprichoso namorado, - eu vinha observando a notável mudança que fizera a nossa Capital de dezessete annos para cá. Mas no íntimo o que eu desejava era collocar-me num ponto de vista o mais objectivo possível, para julgar melhor; o que eu queria era que as coisas se me impuzessem por si em vez de ser eu arrastado pela força das suggestões. Vinha notando, entretanto, justamente, que Curitiba ganhava outro ar, outro porte, lembrando uma camponesa, nossa antiga conhecida, que encontramos depois de um certo tempo já com os donaires e a louçania de uma cidadã. Aquella rua da Liberdade, que eu deixara em grande parte por construir-se, já estava inteiramente compacta, e era importante, com a estação das estradas de ferro, com o Palácio do Congresso, mais o do Governo, logo de entrada, e tantos bons prédios depois. A rua Quinze, que é a rua do Ouvidor de Curitiba, essa perdera o açaçapado e a vulgaridade antiga de rua nimiamente provinciana. Larga e sympathica, como sempre foi, ostentava hoje palacios bancarios, tinha grandes e importantes armazens, e, quando menos, quasi que sem excepção, offercia á vista sobrados já bem decentes agora. O antigo Palacio Presidencial, que ainda ali existe, outr'ora notabilissimo, é actualmente um prédio secundário. (...)

Outra observação logo de entrada: os predios modernos já são mais leves, mais elegantes do que a quasi totalidade dos que se faziam no meu tempo, por influencia dos mestres de obra allemães. E isso concorre, não pouco, para desde logo degermanisar a cidade, aos nossos olhos, de nós outros que anteriormente a conhecemos.²²

²² VICTOR, p. 113-115.

A visão de Nestor VICTOR da Curitiba de 1912 é feita em contraponto com estadia anterior do autor, de 1885 a 1895. Seu discurso reelabora e amplia a visão de AVÉ-LALLEMANT sobre a cidade, partindo da mesma visão de suas "duas naturezas", enunciada pelo último. É um discurso exaustivo e multifacetado, abrangendo um vasto espectro de temas e aspectos da urbe. Dos cronistas e historiadores do período, a síntese de Nestor VICTOR é a que, sem quaisquer dúvidas, mais se aproxima de um "discurso oficial". O seu discurso elabora conceitos e conteúdos sobre a cidade extraídos diretamente da literatura burocrática, formada basicamente por relatórios, mensagens, etc., transformando-os em diálogos e digressões de nível mais acessível ao leitor comum. É um discurso que se declara objetivo e imparcial, considerando a objetividade e a imparcialidade como atributos de valor e verdade. Sua maior riqueza, além da minuciosidade, é a capacidade de realização da síntese positiva do discurso ufanista com o discurso técnico-burocrático, o que confere a seu trabalho foros de verdade.

Nestor VICTOR apresenta Curitiba como uma cidade acabada, pronta. A urbe de 1912 tem muito pouco a ver com a bucólica vila de sua convivência anterior²³. A afirmação da urbanidade de Curitiba é visível por vários enfoques, notadamente pela arquitetura e urbanização; desenvolvimento comercial e industrial; incremento da vida cultural e intelectual; ampliação do sistema educacional; e ampliação e desenvolvimento dos bairros, arrabaldes e colônias da cidade. Sobre estes aspectos, desenvolve-se o discurso ufanista e de nítida ênfase nas concepções de civilização, progresso e modernização como um todo integrado e interdependente. Realiza-se, neste discurso, a plenitude do elogio à urbe burguesa mitificada.

Traços semelhantes se revelam na obra de Romário MARTINS, *Curitiba de outr'ora e de hoje*, editada em 1922²⁴. A visão das "duas naturezas" encontra-se presente já a partir do título da obra. Romário MARTINS cria uma matriz de discurso muito similar à de Nestor VICTOR, embora com pretensões mais históricas. A síntese positiva do discurso oficial para o ufanista é realizada, porém com um aspecto formal diferenciado. Nestor VICTOR busca a síntese em forma quase coloquial e informal de transposição dos dados oficiais, enquanto que Romário

²³ Ver VICTOR, o capítulo A Velha Curitiba, p. 97-112.

²⁴ MARTINS, Romário. **Curitiba de outr'ora e de hoje**. Curitiba, Edição comemorativa da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1922.

MARTINS a realiza de maneira relatorial, didática e inserida numa perspectiva histórica, de cunho explicitamente científico.

A construção da cidade como matriz básica de toda concepção política e social do liberalismo²⁵ se evidencia de maneira clara no livro de Romário MARTINS, na própria concepção da sua estrutura, que partindo da conjuntura geral da disputa das terras americanas por portugueses e espanhóis²⁶, segue num processo particularizante a nível nacional e estadual, histórica e geograficamente, até chegar ao discurso específico sobre a cidade, num claro processo de legitimação científica pela dedução da parte do todo, que a contém e lhe confere autoridade, típico do método científico positivista. Esta legitimação da cidade também se evidencia de maneira clara nos anexos documentais do livro, que reafirmam, em sua seleção, os critérios de construção da cidade como espaço privilegiado para a criação, legitimação e irradiação das instituições fundamentais para a ordem burguesa. Desta maneira, selecionam-se como documentos importantes para a construção da cidade os referentes ao levantamento do Pelourinho, criação da justiça, definição dos eleitores, instalação da Câmara e da Vila, histórico da Paróquia, documentos relativos à disputa entre cidades paranaenses pelo título de capital da Província e, no ato final de legitimação enquanto cidade e metrópole do Paraná, a *Moção da Camara Municipal de Curityba, de agradecimento e regosijo, dirigida á Assembléa Legislativa Provincial, por motivo da escolha dessa cidade para Capital do Paraná*²⁷.

A obra de Romário MARTINS encaminha decididamente para uma visão histórica que anuncia a inevitabilidade e o determinismo do destino de Curitiba rumo ao progresso e à civilização incessantes e contínuos:

Antes que te povoasses, terra da Minha Terra! antes que te dominasse o homem civilizado, foste tu a mesa farta e o florido leito dos Tinguys generosos, - como hoje, penetrada de progresso social, és a promessa grandiosa de uma metrópole que já se delinea na graça acolhedora da mais risonha urbes meridional do Brasil.

²⁵ Ver, partindo dos conceitos de ideologia e de controle social: BRESCIANI, Maria Stella MARTINS. **Liberalismo: ideologia e controle social** (Um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910). São Paulo, 1976, 432 p. Tese, Doutorado, Universidade de São Paulo.

²⁶ MARTINS, p. 5-18.

²⁷ *Id.*, p. 231-232.

Sobre as tuas minas de outr'ora, exsurgiram as fábricas; sobre a aventura do teu passado, a civilização do presente; sobre os desmandos, a ordem; sobre a estagnação secular, o progresso incessante!

Tens, na actualidade, todos os estímulos, que te asseguram logar de destaque e de honra entre as cidades brasileiras, e, assim, levas para o futuro essa condição de eleita dos dons das grandes urbes, das metrópoles que orgulham as civilizações, daquellas que, pela situação geographica, pela topographia, pela posição na confluência economica de numerosos nucleos de atividade; pelo clima pelos ares, pela belleza e nobresa e bondade dos sentimentos de sua gente, enfim, - teem assignalados e garantidos os seus superiores destinos no mundo!²⁸

Fica evidente, no excerto acima, a nítida ênfase predestinacionista de Curitiba enquanto metrópole do Paraná, e a inevitabilidade deste processo, propiciado quer pelas extremamente favoráveis condições naturais, quer pelo carácter ordeiro e empreendedor de sua população. Civilização e progresso são as constantes desta matriz discursiva, não apenas como referencial futuro, mas também como enunciadoras de práticas e intenções no presente.

Visão similar se reafirma na obra do historiador José Francisco da ROCHA POMBO, *O Paraná no Centenário: (1500-1900)*, publicada em 1900. A comparação entre a velha e a nova Curitiba está presente e em destaque, bem como se reafirmam categoricamente os conceitos de civilização e progresso como determinantes para o futuro da cidade.

A nossa Capital é uma das mais belas, das mais opulentas e grandiosas do Sul. Quem viu aquela Curitiba, acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com as suas grandes avenidas e boulevards, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus magníficos edifícios. A cidade é iluminada a luz eléctrica.

É servida por linhas de bonds entre o Batel e o Fontana e a estação da estrada de ferro, aproveitando quase toda a área urbana. O tráfego diário conta, além do que fazem os bonds, com mais de 1.000 veículos diversos. Há em plena atividade, dentro do quadro urbano, mais de trezentas fábricas e oficinas e no município todo, perto de 600! Já se funde em Curitiba tão perfeitamente quanto no Rio. Já se grava e já se fazem, em suma, todos os trabalhos de impressão tão bem como os melhores da Europa. O movimento da cidade é extraordinário, e a vida de Curitiba já é a vida afanosa de um grande centro. Existem para mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios

²⁸ *Ibid.*, p. 186-187.

particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia importantíssima. Entre os estabelecimentos de ensino, além do Ginásio e da Escola Normal, que são oficiais, contam-se a Escola de Artes e Indústrias, o Conservatório de Belas-Artes, o Seminário Episcopal, etc. Publicam-se presentemente na Capital paranaense oito jornais, sendo quatro diariamente. Aos estrangeiros que têm entrado naquela terra devemos o concurso mais esforçado e mais eficaz, que um país novo pode esperar da imigração. As colônias mais numerosas e importantes, incontestavelmente são a portuguesa, a alemã e a italiana. A essas colônias cabe uma parte notável no progresso do Paraná. (...) Mas devemos também a imigrantes de outras nacionalidades, menos notáveis pelo número, mas tão operosos e tão dignos da nossa fraternidade como aqueles. Curitiba, como S. Paulo, como tantas cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, é um centro cosmopolita. A heterogeneidade da população, no entanto, nunca impediu o sincero conagraçamento moral em que se funda sobretudo a ordem e de que derivam a coesão e o vigor do espírito cívico local. Nas nossas festas públicas, ao lado dos estandartes dos nossos clubes e associações, figuram os estandartes das associações e dos clubes de todas as colônias. (...) Elas têm sabido trabalhar pelo futuro daquela terra; têm sabido amá-la, e, com razão, porque afinal é a pátria de seus filhos; e todas têm sabido até sofrer conosco, resignadas e discretas, nos momentos mais difíceis de nossa vida.²⁹

No discurso de ROCHA POMBO, a noção de progresso se impõe não apenas no contraste entre Curitiba "acanhada e sonolenta, de 1853" e "a Curitiba suntuosa de hoje"(1900). Ela passa, principalmente, pela afirmação do progresso de forma quantitativa. Existem "mais de 1.000 veículos diversos", circulando na cidade, que possui "em plena atividade, dentro do quadro urbano, mais de trezentas fábricas e oficinas"³⁰. A quantificação da infra-estrutura urbana, das atividades econômicas e culturais e da própria população concedem um caráter de cientificidade ao progresso da capital paraense. É um progresso mensurável, portanto aferível de maneira científica.

O progresso e a civilização de Curitiba no discurso de ROCHA POMBO são fundamentados, todavia, além do desenvolvimento urbano arquitetônico e econômico. A cidade progride nos campos mais diversos,

²⁹ ROCHA POMBO, José Francisco da. **O Paraná no centenário**: (1500 - 1900). 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio; Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980. p. 141-143. Também citado em DE BONI, p. 16-17.

³⁰ *Id.*, p. 141.

como a educação e a cultura. A população imigrante, a cujas colônias "cabe uma parte notável no desenvolvimento do Paraná"³¹, recebe crédito destacado nesta construção da Curitiba metrópole, por sua operosidade, inteligência, solidariedade e fraternidade com a população local.

Em resumo, pode-se depreender claramente dos três discursos acima uma série de padrões de legitimação da cidade enquanto espaço e momento para a realização do ideário burguês de civilização e progresso. A noção de progresso se explicita, de maneira cabal, no discurso sobre as "duas naturezas", através da comparação entre a Curitiba do início e meados do século XIX e a Curitiba do último quartel do século XIX e inícios do século XX, com forte acentuação no desenvolvimento urbano, populacional, econômico e cultural da capital paranaense. A noção de civilização se afirma, principalmente, no caráter deste progresso. É um progresso, em seus diversos aspectos, "à européia". A cidade cresce, se desenvolve e estabelece relações sociais e culturais de matriz européia. São constantes as referências a esta matriz em diversos aspectos da vida da urbe, aspectos estes que vão desde os comportamentos demográficos até a composição e o caráter empreendedor e ordeiro de sua população. Reforçando e sendo legitimada pela visão dos viajantes europeus, Curitiba surge, no discurso dos cronistas e historiadores oficiais, como uma urbe cosmopolita, de hábitos europeus (= civilizados), com uma estrutura física, urbana, econômica e cultural para seu destino já determinado de metrópole do Paraná. Esta "europeização" concede foros de civilização, acima da média brasileira, a Curitiba.

Essas noções de civilização e progresso se fundamentam em matrizes discursivas próprias, baseadas em aspectos da cidade no período estudado. Assim, a análise é decomposta em temas fundamentais, que refletem as matrizes de embasamento do discurso ufanista sobre a cidade. São privilegiados três grandes grupos temáticos de análise: a urbanização, a economia e a população, dentro dos quais se tratam as matrizes afins da construção da cidade.

O discurso elaborado sobre Curitiba tem como uma de suas matrizes privilegiadas o aspecto urbanístico e arquitetônico da cidade. As estratégias de construção do quadro urbano possibilitam a expressão mais visível e concreta da realização do ideário de progresso e civilização. Este quadro urbano é preenchido materialmente por construções e vias de

³¹ *Ibid.*, p. 142.

trânsito e lazer, e fornece o ambiente para a produção das relações urbanas e sua regulamentação.

As construções, os grandes prédios, majestosos e sublimes, apontam de maneira inequívoca para o progresso e o poder da burguesia que os constrói. São prédios públicos, de instituições bancárias e comerciais, colégios e palacetes residenciais que têm seu surgimento e proliferação em Curitiba, no período estudado. Prédios que caracterizam a construção do espaço urbano enquanto palco suntuoso e privilegiado das relações burguesas de produção e dominação. Maria Stella BRESCIANI detecta fenômeno similar e precursor deste em sua análise da Londres de meados do século XIX:

O aspecto majestático dessas construções, bastante diversas em suas formas e materiais, reunindo com frequência estilos de várias épocas e lugares, sugeria primordialmente o poder da burguesia, um poder que deveria parecer grandioso, infinito e esmagador.³²

Os cronistas e historiadores paranaenses que escrevem entre 1890 e 1920 apontam claramente para o surgimento de uma arquitetura metropolitana. Nestor VICTOR aponta a existência desta renovação e expansão arquitetônica, destacando as edificações públicas:

(...) prédios de muita nota hoje em dia, como o dos Ministérios, na Rua de São José, o quartel do Regimento de Segurança, o Seminário Episcopal, a Penitenciária, o novo Gymnasio Nacional, vários grupos escolares, o Asylo de Orphãos, a Igreja Presbyteriana.³³

Romário MARTINS, referindo-se à rua da Graciosa (atual Barão do Cerro Azul) em 1922, retrata bem o progresso arquitetônico da cidade.

Hoje esta rua, que começa na Praça Tiradentes e se estende em linha recta até o entroncamento da estrada da Graciosa, no Alto da Glória, apenas com uma curta inclinação á direita neste ponto, tem boas edificações de lado a lado, e nella existem o Palácio Episcopal, a parte lateral esquerda da Cathedral e o seu jardim, o Palacete Hauer, o vasto edi-

³² BRESCIANI, Maria Stella MARTINS. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, 5(8/9):33-68, set. 1984 - abr. 1985.

³³ VICTOR, p. 126.

fício da Delegacia Fiscal, etc. Entretanto, até 1857, nella "nada tinha a mudar-se por não ter casas".³⁴

Já ROCHA POMBO explicita a modernização e a transformação arquitetônica e urbanística da cidade de maneira mais geral e comparativa:

Quem viu aquela Curitiba, acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com as suas grandes avenidas e boulevards, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus edifícios magníficos.³⁵

Mas a urbanização da cidade não se dá apenas sobre a construção de "edifícios magníficos". O espaço urbano é arranjado convenientemente para alojá-los. Curitiba passa por um reordenamento claro de seu traçado viário e paisagístico. Constroem-se "as grandes avenidas e boulevards, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins"³⁶, que são indicativos de uma cidade ordenada e saneada.

O diagnóstico da necessidade de um planejamento viário já consta em propostas de 1857, elaboradas pelo engenheiro Paulo Taulois³⁷. Em relatório daquele ano, o engenheiro Taulois detectava que, "em Curityba de 1857, somente duas ruas se cortavam em ângulo recto"³⁸. Uma cidade sem qualquer planejamento urbano! Porém, segundo constata Romário MARTINS, as propostas do engenheiro foram apenas parcialmente acatadas, e de forma mais clara nos bairros. A maior incidência de ocupação do solo no centro da cidade causou a impossibilidade de um reordenamento viário naquele local. O plano de Taulois, de dar uma versão simétrica à cidade, não foi posto em execução.

Si em 1857 tivessem atendido às prescrições do engenheiro Taulois, Curityba de hoje seria representada por um quadrilatero normal e teria uma feição um tanto approximada á de La Plata, na divisão systematica de suas ruas.³⁹

³⁴ MARTINS, p. 173.

³⁵ ROCHA POMBO, p. 141.

³⁶ *Id.*, p. 141.

³⁷ MARTINS, p. 170-176.

³⁸ *Id.*, p. 171.

³⁹ *Ibid.*, p. 175.

A não aplicação do plano de Taulois, porém, não significa o abandono das melhorias viárias e paisagísticas da cidade. Estas melhorias se dão, porém, como uma justificativa do saneamento e higienização de Curitiba, principalmente do centro da cidade.

Reurbanizar confunde-se, nesse momento com higienizar, e para isso requeria não só a renovação estética, alargando ruas, ajardinado praças, cuidando de fachadas; requeria, principalmente, limpar a cidade e expulsar para longe do espaço, que se pretendia purificado, toda uma forma de existência miserável e fétida que se amontoava como lixo nos velhos casarões (...) a população pobre, suja e feia.⁴⁰

A reurbanização de Curitiba é inequivocamente apontada no discurso dos cronistas e historiadores como sinal de progresso e civilização da cidade. "Os pobres e os sapos vão indo de cada vez mais para longe", na citação de Emiliano Pernetta feita por Nestor VICTOR⁴¹. É Nestor VICTOR que define claramente uma visão panorâmica da reurbanização de Curitiba:

O que principalmente se tem feito até aqui é tornar compacto o quadro da cidade, que no meu tempo já estava vagamente delineado. A cidade de hoje é a realização do projecto que já se entrevia há vinte annos. Apenas prédios como o Hospital de Caridade agora grandemente augmentado, ou o tão importante quartel do 2^o de artilharia, que se achavam então solitários, em pleno campo, estão hoje bem no centro de um densa população, assim como são largas e bonitas as ruas, várias dellas já completamente edificadas, as longas quadras que principalmente para o lado da Estação ha vinte e poucos annos atraz nós vimos completamente desnudadas de casas, ainda pantanosas e cobertas de matto. Alem disso, predios de muita nota hoje em dia, como o dos Ministérios, na rua de São José, o quartel do Regimento de Segurança, o Seminário Episcopal, a Penitenciária, o novo Gymnasio Nacional, vários grupos escolares, o Asylo dos Orphãos, a Igreja Presbiteriana, fóra outros que já fiz referencia, são novidades com que nos vamos encontrar.

Note-se ainda: não é só a rua Quinze que se reconstróe para melhor, é quasi que a cidade inteira.

Tudo isso importa muito mais, na verdade, do que si se fosse conquistando impensadamente uma área descomunal, mas apenas para uma aldeia cada vez mais vasta.

Seja como fôr, a verdade é que o progresso conseguido até aqui já desorienta quem ali chegue depois de longa ausencia e queira movimentar-se

⁴⁰ DE BONI, p. 48. Ver também o capítulo 4, p. 44-52, da mesma tese.

⁴¹ VICTOR, p. 127.

autonomo, com especialidade nas partes extremas do quadro urbano.

Aquellas pittorescas chacaras de outr'ora ja perderam seu carater vivamente campestre, enfileiradas agora em ruas regulares com outros predios, que lhes empobreceram a atmosfera e em muitos casos tiraram-lhes grande parte do terreno. Estão desaparecendo os leves chalets de madeira, e rarejam ainda mais as pobres casinhas encardidas, de telhas de taboa, cujo aspecto, ás vezes, era miserando.

- Os pobres e os sapos vão indo de cada vez para mais longe, dizia-me Emiliano Pernetta com a perversidade de quem não quer perder uma boa frase, tanto mais quando, realmente, ella bem resumia a situação. Está ahi o motivo principal, acrescentou, porque não achas mais na cidade esse cheiro campesino de que falas, e de que eu me recordo: com os pobres vão-se distanciando tambem as culturas.⁴²

Esta "nova Curitiba", com os pobres e os sapos longe do centro, isto é, saneada e com uma nova configuração na distribuição do solo urbano, é palco, na construção discursiva dos cronistas e historiadores, de uma intensa vida econômica, industrial e comercial, para a qual, de maneira similar e conforme ao seu destino de metrópole, ela já estava predestinada pela própria natureza.

- Curitiba tem condições para ser naturalmente uma cidade industrial? perguntava eu a Domingos do Nascimento.

- Todas, dizia-me elle, como nenhuma outra do Estado: por seu clima, por sua posição geographica, por sua importancia do ponto de vista administrativo, reunindo-se ainda a tudo isso as suas felizes condições hydrographicas. Por seu ameno clima, como se póde classificar-o rigorosa, scientificamente, está no caso de offerer adaptacão a todos os representantes da espécie humana, e, por conseguinte, de attrahir braços na variedade precisa para os mais differentes ramos industriaes que venham porventura a desenvolver-se aqui. Por sua posição geographica ella é o natural e quasi que obrigado ponto intermediario de communicacão entre a marinha e todo o riquissimo centro do Estado. Para aqui convergem, na sua grande maioria, as linhas ferreas e as estradas de rodagem ou carroçaveis que já constituem e virão a constituir o nosso systema de viação. (...) Pelo facto de ser a Capital, tem ainda a vantagem de poder constituir-se, como já se constituiu, o nucleo social mais complexo do Paraná, sendo alem de tudo, pela nossa visinhança com dois paizes limitrophes, a séde necessaria de consideraveis forças do Exercito. Demais, sob os olhos immediatos do Governo Estadual, e tendo de ser a prova mais irrecusavel de nosso progresso, o espelho da nossa cultura, cabem-lhe beneficios provindos de outra iniciativa que não apenas a dos orgãos municipaes, beneficios que possam estar na altura dos recursos geraes do Estado. Tudo isso vae aparelhando-a cada vez melhor para a funcção de que falamos e vae permitindo aqui, nesse mesmo sentido, o despertar de estímulos que em outros pontos nem de longe se

⁴² *Ibid.*, p. 126-127.

timulos que em outros pontos nem de longe se presentem por enquanto. Para cumulo de felicidade, continuou aquelle meu talentoso patricio, o consideravel e famoso rio Iguassú nasce no planalto coritibano, originado-se de muitos riachos que banham os municipios de Curitiba e Deodoro⁴³.

ROCHA POMBO confirma e reforça esta certeza do destino industrial de Curitiba como predeterminado por suas característica naturais e localização geográfica:

A cidade de Curitiba será em pouco tempo um dos mais notáveis centros industriais do Brasil; e isso devido às suas condições topográficas, a seu clima excelente, a seu bom serviço de transporte e a pequena distância dos portos de Antonina e Paranaguá. Além disso, tem os seus arredores colonizados, fornecendo por isso braços baratos e abundantes para qualquer indústria.⁴⁴

Segundo Maria Ignês M. DE BONI, "A economia paranaense, no período em estudo, era tipicamente uma economia de exportação, seguindo o exemplo nacional"⁴⁵. Curitiba, porém, embora enquadrada no modelo exportador, possuía uma estrutura de manufaturas e serviços desenvolvida para os padrões da época.

A visão dos cronistas sobre a atividade econômica da cidade é, com exceção da de Nestor VICTOR, uma projeção futurista embasada nas condições naturais e de população da cidade.⁴⁶ Por outro lado, Nestor VICTOR dedica um capítulo todo de seu livro à atividade econômica, principalmente a indústria, de Curitiba.⁴⁷

A atividade industrial em Curitiba é, no discurso de Nestor VICTOR, o coroamento natural e predeterminado da vocação da cidade para o progresso, pondo a cidade na vanguarda da industrialização brasileira. É o fruto da adequação lógica do aparato econômico aos recursos naturais e às possibilidades de produção da cidade:

Já é um bonito quadro, apto a inspirar as mais risonhas sugestões aquelle que neste momento representa a organização industrial coritibana, tanto mais por ventura comparado com o esboço grosseiro, tão defectivo, em que ella se debuxava apenas ha vinte annos atraz. Vem-se de dia

⁴³, p. 135-137.

⁴⁴ ROCHA POMBO, p. 140. Também citado em DE BONI, p. 28.

⁴⁵ DE BONI, p. 23.

⁴⁶ Conferir com ROCHA POMBO, p. 140.

⁴⁷ VICTOR, capítulo VIII: A Nova Curitiba (Aspectos Industriaes), p. 135-168.

para dia desenvolver-se e completar-se de melhor para melhor os órgãos que logo no início foram solicitados para a sua composição e deram-lhe uma característica, ao mesmo tempo que outros espontam, e ainda outros, ganhando, em mais de um caso, com rapidez, vulto e importância prodigiosos para a phase inicial em que ainda hoje se acha o incremento da industria no Brasil.

O melhor ainda é que na sua quasi totalidade tudo vaie nascendo e medrando logicamente, é claro que não em correspondencia com a capacidade de consumo local ou até do Estado inteiro.⁴⁸

Neste caso, a indústria paranaense e curitibana são tratadas pelo autor como que sendo uma coisa só, tratamento este que reforça a cidade enquanto matriz por excelência do ideário e da atividade burguesa. Essa atividade industrial tem no mate o seu principal expoente.

Segundo dados citados por Nestor VICTOR, o mate era responsável, em 1910-1911, por uma exportação de 45.227.747 kg., num total de 22:613:873\$500 réis⁴⁹. E numa atividade que "De 1907 em diante, porem, dá-se a vantagem de ter ido a mesma em crescendo continuo, sem oscillações deprimentes"⁵⁰. O principal mercado do mate paranaense era formado pelas repúblicas da Argentina, Uruguai e Chile, apesar da ampliação do mercado interno e possibilidades de abertura do mercado europeu.

E "são exactamente os engenhos de matte que fazem maior vulto no quadro industrial de Curitiba e que constituem a sua mais legitima peculiaridade".⁵¹

Nestor VICTOR indica a existência em Curitiba de um importante segmento econômico voltado ao beneficiamento e comercialização da erva-mate, com cerca de 12 casas exportadoras e por volta de 10 engenhos completos de beneficiamento, responsáveis pela exportação, em 1910, de 35.567.798 kg. de erva beneficiada e 5.111.589 kg. de erva-mate em estado bruto.⁵²

Dentre essas empresas, destacam-se: o Engenho David Carneiro & Cia., fundado em 1876, com capacidade para beneficiar 3.500.000 kg. de erva-mate por ano, com mais de 100 empregados; o engenho do Dr. Bernardo Veiga, antiga Fábrica Fontana, fundada em 1824, dotado de

⁴⁸ *Id.*, p. 138-139.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 140.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ *Ibid.*

⁵² *Ibid.*, p. 140-141.

moderno maquinário, capaz de beneficiar para exportação cerca de 3.000.000 kg de erva ao ano, com um quadro de apenas 12 operários; a fábrica Leão Júnior, com produção anual de 2.500.000 kg de mate e 50 operários; a fábrica Santa Maria, com 3.000.000 kg. por ano de erva beneficiada, tendo em anexo 2 barricarias, com produção anual de 30.000 barricas, e que empregava 18 operários na fábrica e 15 nas barricarias; e a fábrica Iguassú, com cerca de 50 operários para uma produção anual de 3.000.000 kg de erva-mate beneficiada.⁵³

Além dos engenhos, a erva-mate era responsável por indústrias derivadas, principalmente pelas 20 oficinas de barriqueiros e tanoeiros indicadas por Nestor VICTOR para Curitiba em 1912, que, além de fabricarem as barricas para acondicionar a erva-mate para exportação, eram responsáveis por "barriquinhas de luxo, feitas para presentes de mate"⁵⁴. Outra indústria derivada do mate que possui importância na época era a de tablets de mate, "um comprimido composto exclusivamente de extracto de herba matte e assucar de canna"⁵⁵, que se tomava diluído em água quente ou fria, com processo de fabricação elaborado pelo Major Domingos do Nascimento e explorado industrialmente pela Casa Hencke & C.⁵⁶

Outro ramo de atividade industrial com destaque em Curitiba no início da segunda década deste século é a indústria da madeira. Nestor VICTOR indica a existência de sete serrarias e vinte depósitos de madeira e lenha na cidade, além de uma florescente indústria moveleira e de marcenaria.⁵⁷

Explora-se, também, na época, a indústria de fósforos, que possuía em Curitiba a maior fábrica do Brasil e, talvez, da América Latina⁵⁸, a Fábrica Paranaense, de Hurlimann & C.. Fundada em 1896, a Fábrica Paranaense possuía um quadro de 300 operários em 1912, para uma produção diária de 200 latas de fósforos, das quais 90% eram destinadas à exportação. Era dotada de "aparelhos moderníssimos e admiráveis, que

⁵³ *Ibid.*, p. 141-143.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 144.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 145.

⁵⁶ *Ibid.*.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 151.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 152. Ver também: WALLE, Paul. **Au Brésil de l'Uruguay au rio São Francisco**. 9 ed. Paris : Librairie Orientale & Americaine; E. Guilmoto, Editeur, s/d. p. 287.

funcionaram á minha vista. Entra o toro em bruto e sahe a caixa inteiramente prompta para o consumo."⁵⁹

Ainda no ramo madeireiro, embora de forma diferenciada, Curitiba possui outra grande indústria: a Fábrica de Pianos Essenfelder, fundada em 1909. Com uma linha diversificada de produção, que abrangia 3 modelos de piano de cauda e 4 de piano de armário, confeccionados em imbuia, cedro, carvalho, canela e pinho, a Fábrica Essenfelder obteve o Grande Prêmio da Exposição Nacional de Buenos Aires, em 1908 e a Medalha de Ouro na Exposição Universal em Turim, no ano de 1911⁶⁰.

Além do mate, da madeira e indústrias derivadas, Nestor VICTOR aponta outro importante ramo de concentração industrial: a indústria de fundição. Com três estabelecimentos em Curitiba, essa indústria já possui condições de "fabricar todos os artigos de fundição e serralheria em aço e bronze de que se precise para montagem de engenhos de matte, serrarias, moinhos, etc." Além disso, as fundições também possuíam condições de fabricar peças diversas, como sinos, cofres fortes, etc.⁶¹. Curitiba também sediava, no setor de metalurgia, uma fábrica de pregos, de Rebello de Andrade & C., com 12 máquinas completas.⁶²

Estava instalada também em Curitiba, no Barigui, "a mais importante fábrica de presuntos que existe no Brazil": a Frigorífica Paranaense, de Guilherme L. Withers. Além da produção para o mercado interno, a Frigorífica exportou, em 1911, um total de 1.002 caixas de tocinho defumado (bacon), 198 caixas de presunto e 550 kg. de carne de porco salgada; isso além de produzir mensalmente de 8.000 a 10.000 kg. de banha suína.⁶³

Além destas indústrias de maior destaque, Nestor VICTOR indica a existência, em Curitiba, de 1 fábrica de xarque, com capacidade para o abate de 200 bois por dia; 10 cortumes; 15 selarias; 10 fábricas de palhões⁶⁴; 15 moinhos de farinha; 8 fábricas de cerveja; 30 olarias; 2 fábricas de ladrilhos e mosaicos; 16 tipografias; 2 litografias, 2 casas de gravadores em metal; 8 casas de encadernação e pautação; 4 estabelecimentos fotográficos; 1 fábrica de tecidos; 1 fábrica de chitas; 1 fábrica de

⁵⁹ VICTOR, p. 153.

⁶⁰ *Id.*, p. 155-156.

⁶¹ *Ibid.*, p. 156.

⁶² *Ibid.*, p. 157.

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ Palhões são tramas grosseiras, feitas de palha de centeio e usadas para embalagem e proteção de produtos frágeis.

meias, camisas e gravatas; 1 fábrica de fitas; 1 fábrica de "cascos para chapéus"; 4 fábricas de caixas de papelão; 1 fábrica de manequins; 1 fábrica de objetos de alumínio; 2 fábricas de quadros; 1 fábrica de tintas para escrever; 2 casas de galvanizadores; 2 fábricas de chocolate; 3 fábricas de caramelos; 2 fábricas de sabão e velas; 1 fábrica de fumos; 7 fábricas de cigarros; 1 fábrica de vinho espumante; 1 fábrica de vinagre; 1 fábrica de bebidas sem álcool; 5 fábricas de carros (sic); 4 agências bancárias e 12 agentes de companhias de seguros.⁶⁵

Esta pluralidade de atividades industriais, mesmo com o caráter manufatureiro de algumas delas, delineia um quadro econômico com infra-estrutura já complexa. É um indicador seguro de que a inserção de Curitiba no modelo exportador era relativa; que a erva mate, apesar de sua grande importância, não capitalizava toda a atividade industrial da cidade, possuindo a Capital, no período, uma gama de atividades industriais bastante diversificadas, também voltadas ao mercado interno, local e estadual, que a caracterizam como um polo de irradiação industrial no Estado.

Esta hipótese é reforçada através da análise da infra-estrutura de comércio e serviços de Curitiba. A diversificação e abrangência destes setores da economia delineia uma cidade já constituída e estruturada, no discurso oficial. Isto é claramente demonstrado pelos Indicadores Comerciais do *Almanach do Paraná para 1906*, redigido por Corrêa Netto e editado por Annibal Rocha & Comp.⁶⁶, que apontam o seguinte quadro: 18 advogados; 21 alfaiatarias; 8 agentes de companhias; 6 açougues; 2 armadores; 5 companhias de águas minerais; 4 bilhares; 12 barbeiros e cabelereiros; 2 bordadeiras; 1 casa de brinquedos; 11 casas de calçados e chapéus; 3 cafés e restaurantes; 8 confeitarias; 11 charutarias; 10 cervejarias; 2 casas de couros; 4 casas de banhos; 3 colchoarias; 3 construtores; 1 casa de carimbos de borracha; 1 fábrica de chitas; 2 fábricas de cola; 12 casas de café moído; 2 calderarias; 8 colégios; 10 cocheiras; 30 curtumes e olarias; 1 destilaria; 4 depósitos de farinha de trigo; 2 depósitos de madeira; 5 dentistas; 4 depósitos de lenha; 6 despachantes da Estrada de Ferro; 1 empresa de eletricidade; 1 empresa telefônica; 1 empresa de saneamento; 12 engenhos de erva-mate; 5 oficinas de encadernação; 4 escritvãs; 16 escritórios comerciais; 2 fábricas de louça; 29 casas de fazendas e armarinhos; 4 fundições; 7 funilarias; 10 casas atacadistas de gêne-

⁶⁵ VICTOR, p. 158-168.

⁶⁶ CORREA NETTO (red.). *Almanach do Paraná para 1906*; nono anno. Curitiba : Annibal Rocha & Comp., s/d.

ros; 23 casas de comércio de gêneros no varejo; 1 fábrica de gravatas e coletes; 6 hotéis; 21 casas importadoras; 2 lojas de instrumentos musicais; 3 livrarias; 1 litografia; 2 lojas de louças e ferragens; 1 casa lotérica; 1 leiteria; 7 moinhos; 3 marmoristas; 3 fábricas de meias; 3 lojas de partituras musicais; 1 modista; 17 médicos; 4 indústrias de massas alimentícias; 8 marcenarias; 1 mecânico e armeiro; 1 fábrica de objetos de alumínio; 10 ourivesarias; 1 loja de fonógrafos e bicicletas; 2 fábricas de fósforos; 4 lojas de fotografia; 10 farmácias; 4 papelarias; 4 padarias; 2 parteiras; 1 fábrica de quadros; 10 revistas e jornais; 1 refinaria de açúcar; 1 loja de roupas feitas; 4 fábricas de sabão e velas; 8 serrarias; 6 solicitadores; 8 sapatarias; 2 selarias; 9 serralherias; 2 tabeliães; 8 tipografias e 3 tinturarias⁶⁷.

Além disso, Curitiba era a sede do governo estadual e suas secretarias de estado; possuía um Regimento de Segurança com 26 oficiais e 554 praças; abrigava o Estado-Maior do 5º Distrito Militar; era sede de Bispaço; e abrigava as seguintes repartições e empresas públicas ou de caráter público: Superior Tribunal do Estado; Escola Normal e Ginásio; Coletoria Estadual; Museu Paranaense; Biblioteca Pública; Seção da Justiça Federal; Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional; Coletoria Federal; Hospital Militar; Farmácia Militar; Repartição Geral dos Correios; Distrito Telegráfico; Seminário Episcopal; sede da Estrada de Ferro do Paraná; Escola de Artes e Indústrias; Hospital de Caridade; Hospício N. S. da Luz; Quartel do 1º Batalhão de Engenharia, 6º Regimento de Artilharia, 13º e 14º Regimentos de Cavalaria, e 39º Batalhão de Infantaria; e os Teatros Guaíra e Hauer.⁶⁸

Estes indicadores comerciais e de serviços, aliados aos industriais vistos acima, apontam para uma cidade de infra-estrutura econômica complexa e diversificada. Esta complexidade e diversificação indicam uma atividade econômica plural e de caráter de irradiação interna.

Curitiba se apresenta aqui como pólo econômico do Estado, como uma cidade que tem sua atividade econômica centrada no mercado interno, em que pese a importância da exportação do mate para a sua economia. Sua infra-estrutura de comércio e serviços e a abrangência dos serviços públicos nela sediados fazem de Curitiba, neste discurso, uma cidade geradora de atividade econômica interna, a nível estadual e municipal, que ultrapassa as limitações monocultoras do modelo exportador. O

⁶⁷ *Id.*, p. 180-197.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 171-180.

discurso dos cronistas e historiadores já constrói uma cidade de atividade diversificada, complexa e múltipla, que extrapola e avança adiante da "civilização do mate". Como as bases de análise de discurso são de indicadores de variedade e complexidade da atividade econômica, fica evidente a nítida intenção projecional da formação discursiva, o que não invalida suas pretensões de verdade.

Outra matriz discursiva de destaque sobre Curitiba é a que enfoca a questão populacional. Este discurso capta três momentos principais da problemática da população: o seu caráter, o crescimento e a composição do quadro de habitantes de Curitiba. É um discurso indicativo, que enuncia juízos positivos sobre os três aspectos.

A população curitibana é vista, no tocante a seu caráter, como ordeira, disciplinada, empreendedora e, principalmente, civilizada. Com ênfase em aspectos diferentes deste quadro, os cronistas e historiadores constroem discursos que se consubstanciam no quadro final de uma população mitificada, portadora natural dos requisitos para habitar a urbe mítica do discurso burguês. Neste aspecto, os discursos são curtos, incisivos e apriorísticos, tomando as qualidades do caráter da população como algo dado, inato, só passível de descrição mais cuidada em caso de mudança e aperfeiçoamento

Romário MARTINS indica características desta população em seu aspecto moral, como parte integrante do quadro sublime da vocação para metrópole à qual Curitiba está predestinada.

Tens, na actualidade, todos os estímulos que te asseguram logar de destaque e de honra entre as cidades brasileiras, e, assim,avas para o futuro essa condição de eleita dos dons das grandes urbes, das metrópoles que orgulham as civilizações, daquellas que, pela situação geographica, pela topographia, pela posição na confluência economica de numerosos nucleos de atividade, pelo clima, pelos ares, pela belleza e nobresa e bondade dos sentimentos da sua gente, enfim, - teem assignalados e garantidos os seus superiores destinos no mundo!⁶⁹

Já ROCHA POMBO enuncia, em seu discurso, o caráter empreendedor da população, como fundamento para o progresso do Estado:

Continuamente se fundam, tanto na Capital, como em todos os outros municípios do Estado, numerosas fábricas e oficinas e estabelecimentos agrícolas - tudo já obra do espírito de iniciativa que agita as forças ge-

⁶⁹ MARTINS, p. 186-187.

rais daquelas populações e deixa pressentir ali o advento de um desses grandes dias de que só há exemplo na América.⁷⁰

O enfoque de Nestor VICTOR abrange um campo diferenciado da qualificação moral da população. Esta se apresenta em seu discurso como a visualização concreta das relações urbanas que ele enuncia, ou seja, uma população civilizada.

Achavamo-nos por acaso em frente a um grande estabelecimento de fazenda e armazém, onde vi entrarem senhoras de distinção.

- Outra novidade para mim, disse eu. No meu tempo não havia senhora coritibana que viesse ás lojas sosinha fazer compras a esta hora. Parece coisa insignificante, não é? Mas pôde-se medir a civilização de uma terra pela liberdade de movimentos que tenham nella as mulheres. E olhem: vejam que diferença entre o porte destas senhoras e o ar acanhado, profundamente provinciano que ellas tinham, em geral, ha vinte ou trinta annos atrás.

Enquanto conversavamos, ia-se animando aos poucos o transito publico, e o que eu vira nas damas via analogamente nos homens: estes estavam ganhando outro andar, outra attitude, muito mais cidadã que a de out'ora. Sensível melhora no vestir masculino, e todos de barba feita, como no domingo antigamente. Dos que passavam, varios detinham-se para escovar as botinas no engraxate, (industria que não havia ali no meu tempo), si não as traziam luzindo de casa. E eu notava que os cumprimentos agora já eram mais comedidos e sobretudo menos familiares, sem a imcommoda facecia equalitaria de aldeia a que todos tinham de submeter-se ainda ha vinte annos atrás.

Ao par daquela modificação nas attitudes eu, desde aquella hora matinal via, no entanto, outra coisa: um ar de contentamento geral nos semblantes: parece que toda a gente verificara que tinha bilhete premiado na loteria, ou que ao menos ganhar no jogo do bicho

Tal observação foi-se confirmando de cada vez mais, todas as vezes que eu vinha ao centro da cidade. Coritiba é hoje uma terra que se pode dizer contente. Depois, concorre muito para isso, aos olhos dos que vão ao Rio, ver uma população geralmente nédia e corada como bem raro nós somos aqui. Parece ainda aquella jovem Capital, assim, uma terra de engorda, onde se vive á farta e milagrosamente. Nota-se coisa semelhante em São Paulo, no que respeita ás condições de nutrição; mas ali já não se vê a mesma alegria, que anda esmagada pela torva preocupação plutocratica, tão característica da Paulicéia.

⁷⁰ ROCHA POMBO, p. 140-141.

No que as duas capitães muito se assemelham é no ar cosmopolita, ou melhor, na feição européia que oferecem, com a diferença de que em S. Paulo o italiano ainda predomina muito, ao passo de que em Curitiba já não há predomínio patente de qualquer nacionalidade estrangeira sobre outras.⁷¹

É o povo perfeito, contente e médio para habitar a cidade perfeita. E esta população, são física e mentalmente, empreendedora e, principalmente, de um "ar cosmopolita", vem num crescer constante, realizando a vocação de Curitiba para metrópole. Nestor VICTOR expressa sua perplexidade e admiração pelo crescimento da população da cidade:

- Não observas, perguntava-me um amigo, como a rua Quinze está diferente do que era no teu tempo? Olha que movimento ella tem hoje! Vê como passa uma verdadeira multidão de gente que não sabemos quem seja, quando ha quinze annos atraz eram poucos os transeuntes aqui que ao menos não conhecessemos de vista.⁷²

Esta "multidão de gente é fruto de vários fatores, dos quais se destacam dois: o alto coeficiente de natalidade e o baixo índice de mortalidade, e a imigração. Romário MARTINS apresenta indicadores que mostram que "A situação de Curitiba em face da estatística demographica das demais cidades brasileiras e mesmo de outros países, - é de um magnifico destaque."⁷³

⁷¹ VICTOR, p. 121-123.

⁷² VICTOR, p. 124.

⁷³ MARTINS, p. 129.

TABELA I*

MOVIMENTO DEMOGRÁFICO DE CURITIBA - 1900-1921.

ANOS	NASCIMENTOS	CASAMENTOS	ÓBITOS
1900	1546	188	673
1901	1746	221	727
1902	1643	311	758
1904	1711	305	774
1905	1804	352	820
1906	1649	377	844
1907	1818	412	805
1908	1841	493	828
1909	1957	357	931
1910	1896	387	1069
1911	2181	447	957
1912	2400	512	1320
1913	2466	568	1168
1914	2656	570	1150
1915	2581	432	1062
1916	2571	465	1211
1917	2479	368	1203
1918	2253	282	1465
1919	2074	465	949
1920	2622	525	1187
1921	2352	571	1130

* Os dados foram retirados de MARTINS, Romário. *Curitiba de outr'ora e de hoje*, p. 135-139.

Segundo análise dos dados postos na TABELA I, Curitiba ostenta, em 1921, o décimo lugar em coeficientes de natalidade no Brasil, com um índice de 31,55 nascimentos por mil habitantes, superior a cidades como Nova Iorque, Londres e Madri⁷⁴. Por outro lado, é em Curitiba que se registra o menor coeficiente de mortalidade do Brasil, 13,97 óbitos por mil habitantes, a nível de cidades como Haia (13,4), Bruxelas (13,7), e Amsterdam (13,4); e menor do que Londres (14,6), Berlim (15,4) e Roma (18,2)⁷⁵. Isto decididamente põe Curitiba num nível de vida e de crescimento comparável e até superior às maiores cidades do mundo.

⁷⁴ *Id.*, p. 129-30.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 131-132.

No tocante à nupcialidade, a cidade ocupa o sexto lugar no quadro nacional, com 7,14 casamentos por mil habitantes, coeficiente ao nível de Milão (7,90), Amsterdam (7,90) e Madri (7,06)⁷⁶.

A baixa mortalidade da população curitibana expressa, neste caso, através de seus índices comparados com os de outras cidades, é mais um indicador seguro da concretização de uma proposta de urbanização, que encaminha para a cidade saneada, ordenada, bem construída e de intensa atividade econômica, para ser habitada por uma população saudável, ordeira, empreendedora e civilizada.

A população de Curitiba também é tratada, neste discurso, com ênfase em outro enfoque complementar, um dos mais importantes para a definição de seu caráter "civilizado": a sua composição étnica. Dentro deste enfoque, o elemento imigrante é privilegiado na elaboração do discurso como fator de progresso e civilização da cidade.

ROCHA POMBO enfatiza claramente esta postura:

Aos estrangeiros que têm entrado naquela terra devemos o concurso mais esforçado e mais eficaz, que um país novo pode esperar da imigração. As colônias mais numerosas e importantes, incontestavelmente são a portuguesa, a alemã e a italiana. A essas colônias cabe uma parte notável no progresso do Paraná. (...) Muito devemos também a imigrantes de outras nacionalidades, menos notáveis pelo número, mas tão operosos e dignos de nossa fraternidade como aqueles.⁷⁷

Este discurso encaminha para a noção do imigrante enquanto ingrediente imprescindível na massa populacional que viria a resultar na construção do "tipo definitivo do paranaense".

De uma tão varia contribuição de fatores ethnicos, mal se pode prever que feição nova trará ella com o crusamento e com a adaptação do tipo definitivo do paranaense; porém a actualidade ja descobre no espirito de iniciativa e de ordem e nos sentimentos de modestia e de bondade de nossas gentes, - a seiva forte que exhubera creadora de energias sans para as luctas da vida, irradiadora de ideaes para as ecclosões incessantes do progresso e da civilização.⁷⁸

Esta concepção tem um decidido reforço no discurso de Nestor VICTOR:

⁷⁶ *Ibid.*, p. 133-134.

⁷⁷ ROCHA POMBO, p. 142.

⁷⁸ MARTINS, p. 153.

Pode-se, pois, dizer que não ha terra no Brazil cuja população, não só esteja mais escoimada de mescla com o sangue africano, como ainda mais provenha de origem européia. E, de quantas localidades ali tem assimilado o moderno colono branco, destaca-se Curitiba, como em tudo e por tudo era natural, sinão verdadeiramente forçoso.

(...) O Brazil é uma immensa caldeira, meu caro, onde se fusionam quinhentos elementos para produzir, quem sabe? uma nova raça. Eu tenho mais confiança no resultado final de tudo isto, que virá daqui a mais alguns seculos, talvez, do que no da fusão comparativamente simples que se opera na America do Norte. Parece-me que no Brazil é que poderá surgir por esse tempo uma humanidade verdadeiramente nova, diante da qual a gente dos Estados Unidos será de virtualidades pouco complexas, - o que eu chamo de uma raça defectiva.⁷⁹

O imigrante é posto, neste discurso, como elemento de capital importância para a construção do progresso e da civilização de Curitiba. Esta matriz discursiva não aponta contradições nem conflitos de adaptação e de integração dos contingentes imigrantes à cidade. Ele é visto através de uma ótica fraternal, cujo enfoque central é a sua rápida integração à sua nova pátria e a fraternidade que impera nas relações entre os brasileiros natos e os grupos imigrantes. Neste aspecto, ROCHA POMBO define este congraçamento fraterno como causa importante para a construção da urbe ordeira e civilizada:

A heterogeneidade da população, no entanto, nunca impediu o sincero congraçamento moral em que se funda sobretudo a ordem e de que derivam a coesão e o vigor do espírito cívico local. Nas nossas festas públicas, ao lado dos estandartes dos nossos clubes e associações, figuram os estandartes das associações e dos clubes de todas as colônias. Quando o "Circolo" italiano Vinte de Setembro celebra suas festas, ou comemora as datas gloriosas da pátria, não é raro que à tribuna assomem também nossos oradores, concorrendo com entusiasmos com os filhos da Itália. E assim tratando-se das outras colônias. Elas têm sabido trabalhar pelo futuro daquela terra; têm sabido amá-la, e com razão, porque afinal é a pátria de seus filhos; e todas têm sabido até sofrer conosco, resignadas e discretas, nos momentos mais difíceis da nossa vida.⁸⁰

⁷⁹ VICTOR, p. 217-218, 227.

⁸⁰ ROCHA POMBO, p. 142-143.

Nestor VICTOR, falando de uma visita a Santa Felicidade⁸¹, coloca até as possíveis hostilidades como fator de integração dos contingentes imigrantes:

A igreja estava cheia de colonos. Ainda não começara a cerimonia. Passamos uma vista de olhos por tudo, mas detivemo-nos pouco. Não foi só pela escassez do tempo: é que sentiamos também certa hostilidade na atmospheria. Aquella gente ainda estava muito estrangeira para que não nos considerasse como elementos heterogeneos entre si. Via-se que elles nos estavam olhando desconfiados, porem apenas como os camponezes europeus olham os cidadãos ordinariamente. Antes assim do que si fosse como uns expatriados vindos de novo, que ainda se não sentem garantidos e seguros onde lhes aconteceu installarem-se. Pelo contrario, no caso parecia que essa tácita falta de urbanidade provinha nelles de já estarem familiarisados com a Capital vizinha pelo menos o bastante para terem ganho a convicção de que podiam manter diante dos nacionaes esta attitude algo selvagem sem que com isso corressem perigo nenhum. Em ultima analyse, a franca manifestação de semelhante attitude provinha da confiança que tinham elles no sentimento do nosso respeito aos direitos de cada um, trate-se de patricios nossos ou de estrangeiros. Assim, representava isso um gráo adiantado já, embora ainda imperfeito, de sua assimilação ao nosso meio.⁸²

A população imigrante é vista, enfim, como elemento integrado e fraterno da cidade, como construtora da nova urbe, seu progresso e civilização. Curitiba, neste discurso, "é um grande centro cosmopolita"⁸³, parte do cadinho de raças donde "poderá surgir, por esse tempo, uma humanidade verdadeiramente nova"⁸⁴.

Como fica evidente do acima exposto, o discurso sobre a cidade, sua atividade econômica e sua população, na elaboração dos cronistas e historiadores do período, enfim, na visão da "história oficial", constrói uma urbe ideal, mitificada, com necessária vocação para metrópole dos paranaenses. Curitiba se apresenta, neste discurso, como "eleita dos dons das grandes urbes, das metrópoles que orgulham as civilizações"⁸⁵, como

⁸¹ Santa Felicidade é uma das principais colônias de imigrantes italianos de Curitiba na época. Localiza-se a cerca de 15 km. do centro da cidade.

⁸² VICTOR, p. 238-239.

⁸³ ROCHA POMBO, p. 142.

⁸⁴ VICTOR, p. 227.

⁸⁵ MARTINS, p. 187.

a cidade ideal, habitada pela população ideal, donde surgirá o "typo definitivo do paranaense"⁸⁶.

ABSTRACT

The article intends to analyse the patriot discourses based on the concepts of governability in Foucault and myth in Roland Barthes built up about the city of Curitiba in the 19th century and in the beginning of the 20th century by european travelers and chroniclers. These discourses are analysed like important elements on the build of the pacific, disciplined and laborious town, trough capitalist trade relations. It is where the continuous action of the town towards progress and development takes place.

Key words: discourse analysis, social control, mith, city.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AVÉ-LALLEMENT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo** (1858). Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1980.
2. BARTHES, Roland. **Mitologias**. 6 ed. São Paulo : DIFEL, 1985.
3. BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil Meridional : a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos. (1872-1875)**. Rio de Janeiro : José Olympio; Curitiba : Ed. da UFPr., 1974.
4. BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Liberalismo : ideologia e controle social** (Um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910). São Paulo : 1976, 432 p. Tese, Doutorado, Universidade de São Paulo.
5. _____. **Metrópoles : as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX)**. **Revista Brasileira de História**, 5(8/9):33-68, set. 1984 - abr. 1985.
6. CORREA NETTO (red.) **Almanach do Paraná para 1906**; nono anno. Curitiba : Annibal Rocha & Comp., s/d.
7. DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro : Graal, 1986.
8. DE BONI, Maria Ignês Mancini. **O espetáculo visto do alto : vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo : 1985, 281 p. Tese, Doutorado, Universidade de São Paulo.

⁸⁶ *Id.*, p. 153.

9. FOUCAULT, MICHEL. **Microfísica do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro : Graal, 1984.
10. MARTINS, Romário. **Curitiba de outr'ora e de hoje**. Curitiba : Ed. comemorativa da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1922.
11. _____. **Quantos somos e quem somos**; dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba : Empresa Gráfica Paranaense, 1941.
12. NETO, Torquato. **Os últimos dias de paupéria**. 2 ed. São Paulo : Max Limonad, 1982.
13. PAZ, Francisco Moraes. História e cotidiano : a sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes. **História : Questões & Debates**, 8(14/15) :3-44, jul.- dez. 1987.
14. PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. **Casar em Curitiba : nupcialidade e normatização populacional (1890-1921)**. Curitiba, 1989. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
15. POMBO, José Francisco da Rocha. **O Paraná no Centenário (1500-1900)**. 2 ed. Rio de Janeiro : José Olympio; Curitiba : SECE/Pr., 1980.
16. SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Belo Horizonte ; Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1978.
17. VICTOR Nestor. **A terra do futuro** (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro : Tipografia do "Jornal do Comércio" de Rodrigues & C., 1913.
18. WALLE, Paul. **Au Brésil de l'Uruguay au rio São Francisco**. 9 ed. Paris : Librairie Orientale & Americaine; E. Guilmoto, Editeur, s/d.

